

PATRIMÔNIOS E SABERES: PARA ALÉM DOS CASARÕES, CHARQUEADAS E MONUMENTOS

SIMONE FERNANDES MATHIAS¹; LOUISE PRADO ALFONSO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – Simonefernandezpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de uma reflexão a partir de minhas percepções, sobre o estágio docente que realizei na disciplina de Patrimônio Cultural, oferecida para os alunos do curso de Bacharelado em Antropologia, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A disciplina foi ministrada pela professora Louise Prado Alfonso, do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) da Universidade Federal de Pelotas, que também é minha orientadora na pesquisa da dissertação de mestrado: *Passo dos Negros: Narrativas e Conflitos*. Esta pesquisa está inserida no Projeto de Extensão *Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para antropólogos (as) em formação*, do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR).

A disciplina busca entender de que maneira o patrimônio é visto e pensado, trazendo narrativas e outros olhares sobre essa questão, através de abordagens multidisciplinares, junto aos estudos etnográficos. Pensando a paisagem urbana como heterogênea, com diferentes temporalidades na materialidade, com sua construção múltipla feita por grupos diversos, com seus valores e sentimentos. Em seu cotidiano (ALFONSO, RIETH, 2016).

Como bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, realizei o estágio docente na modalidade de disciplina obrigatória no ano de 2018, sendo este um dos requisitos para o recebimento da bolsa, de acordo com a Portaria Capes nº76 /2010. Sou graduada em Antropologia, o que me motivou a realizar o estágio nesta disciplina, foi a oportunidade de rever o conteúdo que faz parte de minha pesquisa, assim como compartilhar experiências de campo junto aos colegas. As discussões sobre patrimônio, propõe que este seja entendido como uma seleção, atuante na construção de determinadas narrativas sobre Pelotas. Esta seleção compõe uma narrativa oficial que privilegia apenas um grupo social – as elites – (ALFONSO E RIETH, 2016). As aulas foram fundamentais pois proporcionaram questionamentos e debates sobre o que é patrimônio, quem ele representa, e que grupos são invisibilizados nesta seleção:

‘A heterogeneidade da sociedade complexa moderno-contemporânea, manifestada dramaticamente nas grandes cidades e nas áreas metropolitanas, aponta para as dificuldades e as limitações de uma ação pública responsável pela defesa e pela proteção de um patrimônio cuja escolha e definição implica necessariamente arbítrio e, em algum nível, exercício do poder. Voltamos à velha questão de saber se sempre há vencedores e perdedores, ou seja, em cada caso e situação é preciso estar atento para procurar avaliar os custos e os ganhos das decisões que são tomadas e dos valores que as sustentam.’ (VELHO, 2006, p. 246).

O patrimônio cultural é definido por escolhas, negociações, divergências, políticas públicas e leis. O Estado e outros detentores de poder realizam a escolha do que se considera mais importante para compor a identidade, a história, valores e cultura de uma nação. Construindo junto à sociedade os significados atribuídos aos objetos, práticas e saberes, transformando a escolha de poucos em patrimônio coletivo. Constituem como patrimônio brasileiro, alguns bens classificados em materiais e imateriais: formas de expressão, modos de

criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras: objetos, documentos, edificações e lugares, manifestações artísticas e culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

No Brasil, temos uma diversidade de povos, grupos e comunidades, formando uma complexidade de saberes não reconhecidos como algo importante, detentor de legitimidade ou representativo da nação que se quis construir. Segundo ANDERSON (2008) ao mesmo tempo que normas são inventadas para definir, ela também “mascara” fatos, portanto não há comunidades “verdadeiras”, pois são imaginadas. Estas não podem ser classificadas como falsas ou autênticas, pois o que as define são os modos que são analisadas. Dessa maneira foram trazidos para o debate os processos e negociações na construção destas comunidades e narrativas oficiais, assim como contra narrativas de diferentes grupos. Para FERREIRA (2013) existem bens que podem ser associados à memória da ancestralidade, com significados afetivos, e atualmente há um movimento de comunidades que lutam por reconhecimento, inclusive de sua existência. No decorrer da disciplina patrimônios e referências culturais, como coloca FONSECA (2001), não tem valoração autônoma, o valor sempre lhe é atribuído por um grupo de indivíduos particulares, repletos de interesses historicamente construídos.

A partir de vários exemplos identificamos lutas, vitórias conquistadas e bens oficialmente reconhecidos pelo IPHAN, de comunidades invisibilizadas. Como exemplo cito o patrimônio Afro-brasileiro, que segundo NOGUEIRA (2006) ganha força no cenário nacional, como os pedidos de tombamento de terreiros, da capoeira e demais manifestações. Se percebe assim que as comunidades estão se apropriando do conceito de patrimônio, se organizando e reivindicando a patrimonialização de seus elementos significativos. O registro destes bens estão “para além da pedra e cal” - como conceitua FONSECA (2003).

Em Pelotas vimos exemplo de comunidades usando a patrimonialização como ferramenta para legitimar saberes e práticas antes silenciadas e, muitas vezes, empurradas para porões os desses monumentos, tão valorados na cidade. Refiro-me aqui à história das comunidades negras.

2. METODOLOGIA

A disciplina de Patrimônio Cultural, se desenvolveu de forma a propiciar o diálogo entre a professora, estagiária e estudantes. As dinâmicas das aulas aconteceram em círculo, possibilitando, um melhor interagir da turma. O método de trabalho da docente é a construção coletiva de conhecimento, a partir de Freire (1997). A proposta foi a leitura de textos sobre a temática de patrimônio, no campo da Antropologia, com o objetivo de discutir teoricamente, trazendo as experiências vividas das/os estudantes para o debate, assim como seus temas de pesquisa. A proposta final foi apresentação de uma pesquisa etnográfica, trazendo as impressões, conceitos, aprendizados e experiências prática desenvolvidas durante o semestre. A disciplina também teve participação de vários convidados/as, falando sobre temas diversos. Me deterei a descrever neste trabalho as ações realizadas em parceria com a Mestra Griô Sirlei Amaro, Paulo de Xangô e a Arquiteta Melina Silveira Monks. Destaco que todos os/as convidados/as são parceiros dos projetos de extensão vinculados ao Projeto Margens.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A disciplina contou com atividades práticas, apresentações e manifestações artísticas. Recebemos a visita de alunos do intercâmbio em parceria com a Coordenação de Relações Internacionais (CRInter). A primeira atividade “Patrimônio e comunidades negras pelos pontos e rezas”, aconteceu em setembro e contou com a presença de nosso colega do Mestrando em Antropologia Paulo Brum, conhecido também como Paulo de Xangô, trazendo reflexões sobre as religiões de matriz Africana a partir de seus cânticos. Foi realizada uma roda, onde nosso colega cantou pontos e mostrou técnicas de como tocar o tambor, sendo esse instrumento sagrado. Eu bati o “chocalho”, a turma acompanhou e manifestou interesse na atividade, batendo palmas. Mesmo nos pontos em língua africana os/as estudantes participaram, inclusive aqueles em intercâmbio. Outros saberes foram valorizados nesta aula, pois muitos alunos/as não conheciam as atividades que acontecem dentro dos terreiros, sua culinária, músicas. Também os outros significados dos doces, esses agora reconhecidos pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Segundo Paulo de Xangô, são saberes milenares, passados pela oralidade, “patrimônio” do povo negro, pois a cidade de Pelotas é a segunda região do país em número de casas de religião de matriz Africana.

A segunda atividade “As cantigas na caminhada da Griô”, foi realizada no CEHUS, em meados de setembro. A Griô narrou sua vivência e experiência como mestra e contadora de histórias, cantou marchinhas de sua autoria, realizou com as/os discentes um cortejo de carnaval denominado “girafa da cerquinha”. As/os discentes e intercambistas interagiram. Além da turma da disciplina a atividade também envolveu a presença de estudantes da disciplina Educação Patrimonial da História, somando, aproximadamente, 70 pessoas. Trazer essa atividade para dentro da universidade, nos permitiu pensar sobre as políticas públicas de patrimônio no país, a mestra ganhou o título de Griô das mãos de Gilberto GIL, que na época era ministro da cultura. D. Sirlei contou sobre sua infância em Pelotas como filha de mãe costureira e pai cozinheiro, figura conhecida no carnaval e bandas, além de sua trajetória como contadora de história e também artesã. Ela faz as bonecas “Abayomi”, que são símbolo de resistência, tradição e poder feminino, feita a partir de técnicas e conhecimentos trazidos da África, pelas mulheres, que rasgavam suas vestimentas para fazerem bonecas, acalmando seus filhos na travessia do continente. Mais uma vez os saberes das comunidades negras foram valorizados.

A Terceira atividade aconteceu em novembro, e foi a apresentação da arquiteta e mestranda em Arquitetura Melina Monks, trazendo seu trabalho intitulado “Reabilitação de edificação de interesse histórico cultural como centro de economia solidária e criativa em Pelotas RS”. Este teve como proposta a reabilitação e intervenção de um edifício de interesse histórico cultural para Centro de Economia Solidária e Criativa. O imóvel apresentado foi a antiga Fábrica de Fiação e Tecidos Pelotense, na zona sul portuária, que teve um papel importante no desenvolvimento industrial da cidade, mas que não é valorizado enquanto patrimônio pelas narrativas locais. A proposta visa valorizar o patrimônio industrial edificado da cidade, criando um espaço para a disseminação da cultura e (re)construir a relação da edificação com o uso original destinado ao trabalho, buscando alternativas para o desenvolvimento de empreendimentos econômicos solidários e criativos. Diferentemente das ações antes apresentadas, esta visou valorizar além de outras temporalidades da história de Pelotas que não aquele período das charqueadas reconhecido pelas narrativas oficiais, também outras edificações. Além de reflexões sobre o uso qualificado do patrimônio.

Na proposta final a turma apresentou trabalhos que amarraram a teoria, a pesquisa antropológica de estudos de caso, etc. As pesquisas trouxeram reflexões sobre patrimônios de outros lugares, narrativas de Pelotas que foram além dos casarões, charqueadas e monumentos. Aqui cito alguns identificados pelos trabalhos. Primeiramente uma antiga cacimba localizada no final do bairro Areal que, pelos relatos, as pessoas escravizadas ali buscavam água. Para a discente, esse lugar possui uma história ainda viva e resistente ao passar dos anos, pois as pessoas visitam o local até hoje, demarcando sua importância. Outro trouxe conhecimentos de ervas medicinais, passados de geração para geração, por mulheres, trazendo uma reflexão sobre esses saberes e sobre a representatividade das mulheres nos patrimônios consagrados. Como pesquisadora e estagiária acompanhei as dinâmicas dentro e fora de aula, pude auxiliar colegas nos trabalhos, articular as visitas e palestras.

4. CONCLUSÕES

Consideramos que a disciplina de Patrimônio Cultural, proporcionou a articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, onde as/os estudantes entraram em contato com teorias e metodologias relacionadas ao campo patrimonial. Realizando exercícios práticos de campo e levando os conhecimentos adquiridos para suas pesquisas etnográficas. Como estagiária docente, tive a oportunidade de refletir sobre estas práticas de construção coletiva do conhecimento que amarram ensino, pesquisa e extensão universitária. Como negra considero de extrema relevância a inclusão das narrativas das comunidades afro brasileiras na história oficial de Pelotas. Esses questionamentos e aprendizados propiciados pelo estágio docente somaram muito à bagagem da trajetória de vida de nós antropólogas /os devemos construir na universidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFONSO, Louise; RIETH, Flávia. **Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto bem cultural**. In: SCHIAVON, Carmem Burgert; PELEGRI, Sandra de Cássia. (Orgs. Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios. Rio Grande; Ed. da FURG, v.p.131-147, 2016.
- ANDERSEN, B. Censo, mapa, museu. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 226-255, 2008.
- FONSECA, M. C. L. **Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio**. Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada, p. 111-119, 2001. Disponível em http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4775/1/bps_n.2_referencia_2.pdf.
- FONSECA, M. C. L. **Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de Patrimônio Cultural**. ABREU; ABREU, R.; CHAGAS, M. (Org.). CHAGAS, M. (Org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 56-76, 2003
- FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. **Introdução à psicologia escolar**, v. 3, p. 61-78, 1997.
- NOGUEIRA, A. G. R. **Diversidade e sentidos do Patrimônio Cultural: uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional**. **Anos 90**, v. 15, n. 27, p. 15-27, 2008.
- VELHO, Gilberto. **Patrimônio, Negociação e Conflitos**. *Mana*, v. 12, n. 1, p. 237-248, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v12n1/a09v12n1.pdf>